



OCORRÊNCIAS PATRIMONIAIS

PROJETO DE REATIVAÇÃO DAS MINAS DE FERRO DE MONCORVO

Anexo III – Volume III RECAPE

Índice

1.	Património arqueológico e cultural	3
1.1.	Cabeço da mua	3
1.2.	Encosta norte da serra do reboredo	4
1.3.	Encosta sul da serra do reboredo	5
1.4.	O cabeço de reboredo-apriscos	6
2.	Situação de referência e elementos patrimoniais	7
3.	Localização das ocorrências patrimoniais.....	9
3.1.	Caracterização das ocorrências mais próximas das áreas de intervenção.....	11
4.	Conclusão	13

1. PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO E CULTURAL

A expressão Património encerra em si todos os recursos públicos e sociais que são herdados pelas comunidades, tudo aquilo que consideramos como herança cultural, como um bem digno de ser transmitido às gerações futuras, por encerrar em si uma memória.

Esta noção é mutável e, de resto, resulta de uma longa evolução; a ela subjaz a ideia de afeição e de posse por obras do passado, insinuando que estamos perante algo ao qual atribuímos valor significativo e que, por isso, merece ser cuidado e guardado para as gerações futuras. Por estas razões, estamos perante uma ampla frente de relativas subjectividades, no qual as ideologias, os afectos e as mundividências assumem algum relevo na aferição da representatividade e da importância social de cada elemento patrimonial.

No âmbito do Estudo de Impacte Ambiental foi realizado um estudo prévio de avaliação patrimonial, arqueológica e etnográfica, incidentes sobre a área de implantação do projecto de reactivação das Minas de Ferro de Moncorvo.

Para a área em estudo, definida foi considerado não apenas a zona de afectação directa, mas a distribuição dos vestígios arqueológicos e históricos na área envolvente num raio de cerca de 5 Km, para efeito de enquadramento. Neste quadro, apenas se omitiu o complexo urbano de Torre de Moncorvo, cujos inúmeros vestígios patrimoniais se aglutinam num contexto de lugar central regional, e não na ruralidade na qual se implanta o projecto.

Foram definidas como unidades de análise vários espaços nos quais se concentrará a exploração mineira, a saber:

- Cabeço da Mua;
- Encosta norte da Serra do Reboredo;
- Encosta sul da Serra do Reboredo, abarcando os cabeços da Carvalhosa e de Pedrada;
- Cabeço de Reboredo-Apriscos, ainda nesta encosta;

1.1. Cabeço da Mua

O Cabeço da Mua destaca-se do relevo da Serra do Reboredo no lado sul do seu sopé, no qual liga com o sopé da Carvalhosa através de uma portela de configuração suave. Trata-se de um monte em que a encosta sul é íngreme, com uma notável projecção na paisagem a norte, a qual se estende em pendor pouco pronunciado no espaço circundante até ao curso do rio Sabor, dando lugar aos sistemas agrários apensos a Felgar, Souto da Velha e, um pouco mais afastado, Carviçais.

O terreno está muito perturbado pelas ripagens de plantio florestal, mas também entrecortado com afloramentos rochosos superficiais, amplas cortas na encosta, escombrelas, e depósitos estruturados de pedras com diversificadas configurações, ou morouços.

Foram localizadas conjuntos variados de evidências que documentam a actividade mineira neste local no passado. Na parte superior do monte, e no quadrante norte, foram detectadas pequenas galerias mineiras de ferro, já algo obstruídas pela vegetação, adjacentes às quais existem núcleos de escombrelas, e poços verticais, associados a muretes de protecção.

A base do monte é circundada pelo traçado da antiga linha de caminho-de-ferro, hoje convertida em ecopista, junto da qual foram identificadas estruturas relacionadas com a via-férrea, nomeadamente antigos apeadeiros, muros de contenção, assim como construções avulsas derruídas que pontuam a encosta, e se presume serem abrigos, ou arrumos, relacionados com a antiga exploração mineira da Mua. Neste âmbito se destaca a “Casa do Alemão”, termo local para designar a ruína de uma casa situada à face do estradão, que pertenceu ao engenheiro alemão responsável pelas explorações mineiras operadas no Cabeço da Mua. Todas estas estruturas estão localizadas fora da área de intervenção mineira.

Do lado norte foi avaliado com detalhe o cabeço designado como “Castelo dos Mouros”, imponente elevação localizada na encosta Noroeste do monte, próximo ao antigo apeadeiro do Cabeço da Mua, que poderia ter funcionado como atalaia defensiva. Uma prospecção e observação cuidada a este espaço, também muito alterado pela florestação, não permitiu detectar qualquer vestígio de natureza arqueológica. Também esta estrutura está localizada fora da área de intervenção mineira.

Do lado nascente, foi detetado um conjunto muito destruído de alinhamentos ortogonais de pedras não aparelhadas, situados em espaço limpo de vegetação, por fazer parte do corredor da linha de alta tensão que cruza a Portela. Estes alinhamentos em câmara têm uma largura regular, com cerca de dois metros, organizando-se numa estrutura ortogonal orientada segundo os pontos cardeais.

1.2. Encosta norte da Serra do Reboredo

A encosta norte do Reboredo inicia-se na Portela/Carvalhosa e é limitada, pelo menos até ao lugar de Lamelas, pela EN 220, pouco após o que se inicia a mancha florestal da mata Nacional do Reboredo, que alinha então na direcção do perímetro urbano de Moncorvo. Toda ela se configura periférica à afectação directa do plano de lavra, uma vez que a área de exploração mineira se estende da crista do relevo na direcção da encosta oposta, voltada a sul.

O extremo nascente da serra é dominado pela magnitude dos vestígios que a exploração da mina da Carvalhosa deixou na paisagem. Com efeito, as cortas e taludes, nas quais a cobertura vegetal não regenerou, projectam no espaço o tom vermelho ocre das suas terras, impondo na paisagem um domínio visual difícil de ignorar. Todo o cabeço da Carvalhosa foi afectado pela exploração mineira da qual, naturalmente, sobressaem as infraestruturas e os resíduos da fase mais recente.

Na encosta do lado noroeste existem ainda as ruínas das construções de apoio, junto à embocadura de algumas galerias. No sopé da encosta situam-se as construções do bairro mineiro, em reutilização no presente. A rede de estradões orienta, e circunscreve, os espaços de intervenção da exploração mineira levada a cabo pela empresa Ferrominas, nos quais se entrecortam entradas de galerias, escombrelas, depósitos de lavarias e cortas a céu aberto. Esta área apresenta visibilidade razoável, apesar da emergência de algum coberto vegetal.

Próximo da intersecção com a EM 613, situam-se algumas galerias mineiras, neste plano de encosta e próximo do cume, sendo as mais conhecidas a Mina da Cotovia e as minas da Portela. No espaço circundante existem alguns muretes, plataformas e ténues vestígios de cabanas em pedra seca. Ajuizando pela dimensão das escombrelas, a exploração destas galerias terá sido limitada, e indiciando ser do século XIX, ou anterior. Nesta zona, os espaços arroteados, com plantio de amendoeira, ascendem pelo monte acima até ao limite da mancha florestal. De resto, é a partir daqui, e até à periferia urbana da Moncorvo, que se estende a Mata Nacional do Reboredo, hoje já reclassificada, mas assumida como espaço intocável pelos promotores do projecto.

Próximo do extremo nascente do monte, e da sua cumeada, fica a entrada de uma outra galeria mineira, conhecida como “Fraga do Facho”, cuja configuração, e até mesmo isolamento, lhe conferem um ar de exploração não industrial, e também anterior ao século XIX.

1.3. Encosta sul da Serra do Reboredo

Abarcando os cabeços da Carvalhosa e de Pedrada, é bastante mais eclética na sua configuração pois, a par com algumas esparsas manchas florestadas, e com cobertura arbustiva, notam-se ainda extensos arroteamentos agrícolas.

A encosta superior sul da Carvalhosa está retalhada por intervenções mineiras, a cuja configuração acima se aludiu, e tem uma cobertura florestal irregular, oscilando entre manchas de resinosas e amplos espaços de arbustivas leguminosas, os quais não colocam excessivas dificuldades de visibilidade. Neste extremo da serra os arroteamentos recentes aventuram-se pela encosta acima,

documentando plantio de castanheiro, resinosas nórdicas e sobreiro. Nas zonas mais baixas, próximas da via municipal que liga as Quintas da Nogueirinha e Coriscos, o cultivo concentra-se nos amendoais.

A exploração mineira agora projectada incidirá sobre o espaço de encosta situado abaixo do local das antigas minas e respectivas escombreiras, pelo que não se registou aqui qualquer vestígio patrimonial digno de nota salvo, naturalmente, os relacionados com a exploração mineira.

Mais adiante na encosta, ao longo da qual se estenderá o núcleo de exploração da Pedrada, mantém-se idêntico ambiente, sendo, contudo, as plantações de florestais substituída por um reticulado de amendoais que, sobretudo na área das Quintas do Corisco, se aventura pela encosta acima. Naturalmente que estas parcelas apresentam excelente visibilidade. A faixa superior da encosta, delimitada pela linha de aerogeradores, apresenta visibilidade mais limitada, com cobertura de leguminosas, a qual de onde em onde se adensa.

Em todo este espaço, e até à linha de água que desce da Portela ladeando a EM 613, acumulam-se densas pilhas de calhaus de formas diversas, desde pilhas circulares até largas faixas alongadas. Esta mancha de morouços é acrescida do que poderemos considerar muretes de pedra solta, que criam um complexo reticulado de parcelas em toda a área de implantação da mina da Pedrada, indiciando a cuidada estruturação desta paisagem agro-silvo-mineira ao longo dos tempos.

1.4. O cabeço de Reboredo-Apriscos

A área prevista de exploração da mina de Reboredo-Apriscos enquadra-se entre a povoação de Felgueiras, a EM 613, e o estradão/corta de incêndio que alinha ao longo da crista da serra, e delimita também o extremo sul da Mata Nacional do Reboredo. Como acima se referiu, no extremo nordeste deste núcleo, e junto à crista da serra, existe evidência de mineração antiga na forma de algumas cortas e pequenas galerias, nas Minas da Portela e Mina da Cotovia.

A parte superior da encosta encontra-se mais densamente coberta com algumas manchas esparsas de floresta de resinosas, apenas algumas das quais são verdadeiramente impeditivas de uma visibilidade razoável do terreno. A restante área está recoberto com vegetação rasteira e arbustiva que, apesar de por vezes densa, não impede a análise das irregularidades topográficas e indiciadoras de estruturas. De resto, este espaço florestado e baldio corresponde a uma faixa que poucas vezes atingirá os quatrocentos metros de largura, pois é neste núcleo, e talvez em virtude da proximidade da povoação de Felgueiras, que os espaços arroteados mais se estendem pela encosta acima, num reticulado muito irregular de amendoais e olivais. Esta organização fundiária está, naturalmente,

associada a uma densa trama de estradões e carreiros de acesso às parcelas cultivadas, muitos dos quais estruturados por muros de suporte, outros permitindo a observação dos cortes do terreno e eventual estratigrafia.

É também nesta área que encontramos a maior densidade de montículos e alinhamentos de cascalho, não só nos espaços de baldio, como também nas parcelas agricultadas, facto que adensa as suspeitas de que os enormes volumes de morouços nesta área possam ser resultantes da remoção dos calhaus soltos do solo, eventualmente mais de que da acumulação de minério para transporte para locais de redução metalúrgica.

Exceptuando o pequeno núcleo mineiro da Cotovia, e os aglomerados de calhaus acima referidos, não foi detectada mais nenhuma referencia patrimonial digna de nota no terreno a ser afectado directamente pela exploração mineira de Reboredo-Apriscos. Excluímos, naturalmente, as minas da Fraga do Facho e da Canada do Vieiro dos Frades por se encontrarem já fora do espaço de afetação direta e até da concessão.

2. SITUAÇÃO DE REFERÊNCIA E ELEMENTOS PATRIMONIAIS

O núcleo de exploração do Cabeço da Mua apresenta algumas construções arruinadas, sendo infraestruturas de apoio à exploração, e residência, do período de exploração do século XX. Estas construções encontram-se em estado adiantado de ruína, muitas afectadas pelas ripagens para plantio florestal, sendo reduzido o seu valor patrimonial. Este espaço mineiro guarda ainda vestígios de exploração antiga, nomeadamente as galerias e cortas a céu aberto, que podem conter materiais, equipamentos e utensilagens, passíveis de enriquecer o nosso conhecimento sobre as práticas mineiras no passado recente, e que interessaria preservar como documento de uma realidade histórica que está gravada na memória local. Também os vestígios referidos por Adriano Vasco Rodrigues no sopé do Cabeço da Mua, na Portela, se colocam em plano de proximidade em relação às actividades preconizadas pelo projecto. A caracterização destes vestígios continua por realizar, e a sugestão de que estariam associados a cerâmicas de época romana (Rodrigues – Rodrigues 1962, 20) redobra a importância da sua classificação, até pela proximidade do sítio romano de Vilar de Ferreiros, que é, manifestamente, um dos mais importantes exemplos de estrutura industrial de época romana nesta região. Importará, por isso, definir com rigor a área de dispersão deste sítio, bem assim como a sua caracterização, para que se possam equacionar as medidas de salvaguarda mais adequadas em fase de projecto de execução.

Igualmente ao sugerido acima, as galerias e as cortas superficiais da Carvalhosa poderão conter vestígios materiais da exploração dos seus recursos ao longo dos tempos. Recordamos que foi de uma corta superficial, a céu aberto, que foram recolhidos dois machados de pedra polida e dois martelos em ferro, hoje depositados no Museu de Ferro de Moncorvo. É de crer que a intensa exploração deste sector ao longo do século XX tenha promovido o deslocamento de enormes volumes de sedimentos, os quais poderão ter recoberto indícios de antigas actividades extractivas. Estas considerações são também aplicáveis aos núcleos extractivo da Pedrada e de Reboredo-Apriscos, nos quais existem vestígios de mineração antiga.

As concentrações de pedra, que designamos por morouços, continuam a impressionar pela sua quantidade e magnitude, não se sabendo com segurança a sua real função e cronologia, aventando, contudo, a possibilidade de constituírem recolha de minério superficial, para posterior utilização nas ferrarias das redondezas, ou então, em alguns dos casos, na aglutinação de cascalhos dispersos para libertação do solo para arroteamento agrícola. Nenhuma destas hipóteses parece, só por si, justificar a multiplicidade de situações e enquadramentos com que nos deparamos no terreno.

O conjunto significativo de escoriais conhecidos na periferia da serra, sugere que as jazidas funcionariam apenas como local de extracção, sendo o minério carreado para os locais de redução, junto a fontes de combustível vegetal que a serra talvez já tivesse esgotado.

Uma última nota neste capítulo para os sistemas agrários e sua estrutura, os quais se constituem, afinal, como elemento patrimonial e de memória. A estrutura da paisagem agrária tem sido tutelada ao longo dos tempos maioritariamente por duas condicionantes, a saber, a adequação às condições oro-geográficas e culturais, e aos constrangimentos e competição colocada pelos sistemas de redistribuição da terra, ou herança. Este último, que é o mais premente nas sociedades antigas, sedimentadas na sua arquitectura social, tende a promover a segmentação continuada da propriedade fundiária. No caso em estudo, estamos em presença de sistemas comparativamente novos, nos quais o modelo de unidade fundiária é a “quinta”, propriedade de não residentes, e dominou até recentemente a exploração em sistema de enfiteuse, modelo que sobreviveu até ao presente, e deixou marca visível na estrutura da paisagem. A par com este modelo, temos outro, mais restrito, da posse privada de algumas parcelas, que é particularmente nítido nas proximidades dos núcleos paroquiais circundantes à serra, que segundo os registos históricos são habitados maioritariamente por artesãos, sendo a agricultura actividade complementar.

3. LOCALIZAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS PATRIMONIAIS

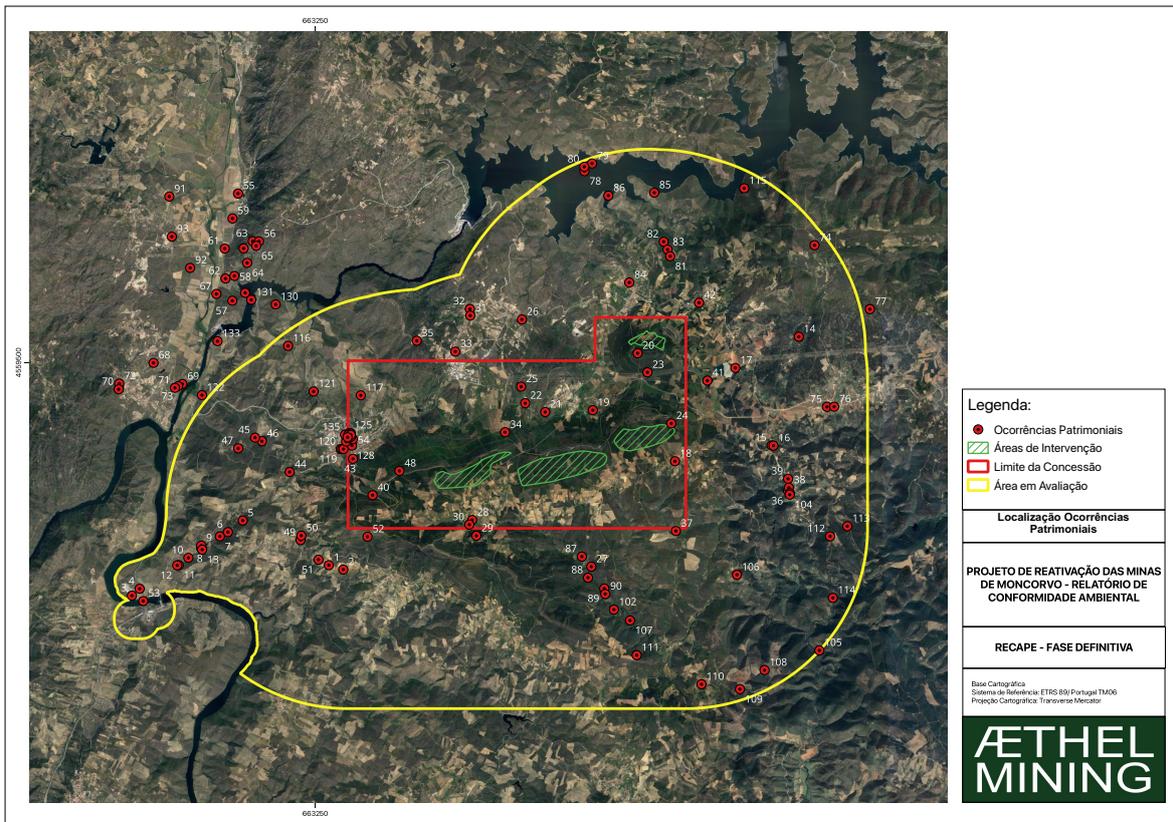


Figura 1 – Localização das ocorrências patrimoniais identificadas na área de estudo

Das ocorrências patrimoniais identificadas na área de estudo de seguida identificam-se as que se encontram mais próximas das áreas de intervenção.



Figura 2- Identificação das Ocorrências Patrimoniais mais próximas das cortas

Tabela 1 – Distância (m) das ocorrências patrimoniais mais próximas às cortas

Ocorrência n.º	Distância (m)
18	692,96
19	969,29
21	1259,25
22	1619,04
24	101,78
28	922,26
30	1055,72
34	561,83
48	1000,13

3.1. Caracterização das ocorrências mais próximas das áreas de intervenção.

Ocorrência n.18 - Aglomerado de escória proveniente da fundição de ferro que se estende por uma área relativamente plana, e de declive suave, a sul do cabeço da Carvalhosa, e entre este e o núcleo habitado das Quintas da Nogueirinha, em ambiente de parcelas agricultadas com amendoeira. O teor de ferro contido nas amostras de escória recolhidas é de 50, 64 %, segundo análises efectuadas pela Ferrominas, EP, em 1982.

Ocorrência n.19 - Escorial de ferro com uma área aproximada de 2.000 m². Situa-se ao fundo da encosta norte da Serra do Reboredo, em propriedade agrícola que pertenceu ao Sr. Gualdino Carqueja, do Felgar, com pomar e casa de habitação de construção recente. É cortado pela E.N. 220, próximo do desvio para o Felgar. O teor de ferro incorporado nas amostras recolhidas (segundo análises efectuadas em 1982 pela Ferrominas, EP) é de 45,17%. Nas escavações realizadas em 1963, Adriano Vasco Rodrigues refere ter descoberto um forno de fundição, e dois fragmentos de "terra sigillata" associados, pelo que data o forno do período romano. Com os dados recolhidos, realizou no local uma reconstituição experimental de um forno de fundição, com o qual obteve ferro, pelo processo de redução.

Ocorrência n.21 - Escorial de ferro com uma área aproximada de dez mil metros quadrados. Foi parcialmente destruído pelo aproveitamento das escórias como lastro para a E.N. 220, que o corta. O teor médio de ferro de 3 amostras recolhidas em estratos diferentes é de 43,92%, segundo análises efectuadas em 1982 pela Ferrominas. Documenta a existencia de uma ferraria de certa importância, comprovada não só pelo seu volume como pela grande quantidade de cadinhos que aqui se encontraram. Alguns blocos de escórias, chegavam a ter dois metros cúbicos, dois dos quais foram levados por habitantes locais para a capela de Santa Bárbara, na sede da freguesia. Em 2008 foi recolhido no local, por Nelson Rebanda, um fragmento de cerâmica de aparência medieval, pelo que se presume que a ferraria tenha laborado entre o final da Idade Média e a Idade Moderna.

Ocorrência n.22 - O conjunto localiza-se junto à confluência da actual E.N. 220 com o antigo caminho de Torre de Moncorvo-Mós. O "chafariz de Lamelas" situa-se face ao caminho, junto a um núcleo construído, ostentando uma inscrição cronológica do século XVIII. Próximo deste chafariz existe um conjunto de edifícios ligados por muro, formando casa-pátio. Reza a tradição oral que este conjunto terá servido de estalagem de almocreves. Em 1992, parte do conjunto foi demolido, para dar lugar a uma padaria e casa de habitação.

Ocorrência n.24 - No decurso das actividades de exploração mineira do cabeço da Carvalhosa, ao longo do século XX, foram recolhidos, presumivelmente à superfície, alguns materiais arqueológicos hoje depositados no Museu do Ferro e da Região de Moncorvo. Instrumentos em ferro forjado, nomeadamente uma sachola, dois exemplares de picachão, uma picareta e uma cunha. Estes instrumentos são funcionais para escavação e desmonte de rocha, sendo atribuídos à época romana. Contudo, ressalve-se o facto de tanto a tipologia como o uso destes instrumentos ter sobrevivido quase até ao presente.

Ocorrência n.28 - Existem registos dos séculos XV ao XVIII que documentam a existência de oficinas de ferreiro a operar continuamente em Felgueiras, pelo que não estranha que uma boa parte da aldeia assente sobre escorial. O teor de ferro incorporado nas amostras de superfície, recolhidas pela Ferrominas em 1982, é de 49,80%. A avaliar pela densidade do escorial, devem aí ter laborado ferrarias durante vários séculos. Informantes locais declararam que, quando se procedeu à abertura das valas para o saneamento básico, foram detectadas escórias a uma profundidade superior a 5 metros, pelo que se presume que os vestígios das estruturas de fundição poderão estar preservados sob o pavimento da rua e sob o casario.

Ocorrência n.30 - O lagar comunitário da cera localiza-se na aldeia de Felgueiras, integrado num bairro de casas rústicas, encontrando-se instalado num edifício antigo, construído em alvenaria de xisto. No interior, do lado esquerdo da entrada, localiza-se a fornalha destinada a fundir os favos, depois de extraído o mel. A cera no estado líquido era então vertida para um molde sobre um cepo, e então recoberta pelos capachos e por uma manga cilíndrica chamada "mandim"; nesse molde chamado "concha", introduzia-se depois um cepo chamado "chapuz", que era apertado por uma prensa de vara semelhante à dos lagares de azeite e vinho antigos. A cera escorria depois para uma das várias pias graníticas, com forma sub-rectangular, cheia de água, na qual a cera solidificava solidificava, retendo a forma do molde. As barras resultantes deste processo designavam-se "pão de cera", e constituíam a matéria prima para as utilizações seguintes da cera, mormente o fabrico de velas.

Ocorrência n.34 - Situada na área de protecção da Mata Nacional do Reboredo, localiza-se a Mina da Cotovia. Trata-se de uma galeria estreita, com pouco mais de uma dezena de metros de extensão, que indicia talvez mais sondagem de avaliação de potencial mineiro do que uma exploração mineira efectiva. Em todo o caso, o seu aspecto indicia ausência de mecanização, o que a poderá remeter a alguma antiguidade.

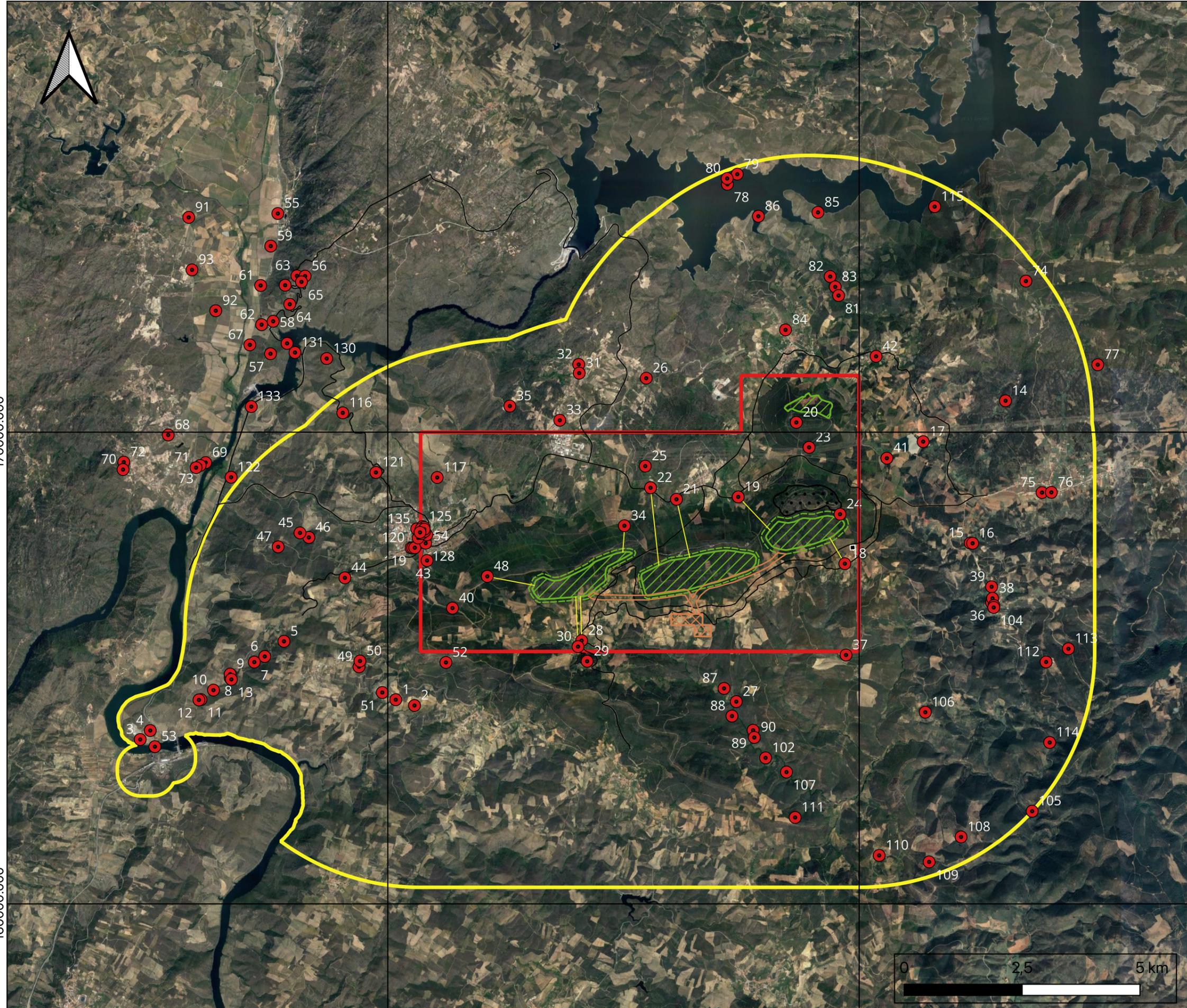
Ocorrência n.48 - Pequena galeria situada próxima da crista da Serra do Reboredo, voltada para o seu lado norte. A boca da mina encontra-se já algo dissimulada pela vegetação, mas permite a observação das suas dimensões modestas e indício de trabalho manual. Esta galeria poderá corresponder a actividade extractiva anterior ao século XIX.

4. CONCLUSÃO

Constata-se uma situação de referência na qual as áreas de afectação directa do projecto não contêm nenhum elemento arqueológico ou etnográfico com significado patrimonial que seja afectado pelo desenvolvimento do projecto, pelo que não se prevê a sinalização e vedação de nenhuma ocorrência patrimonial.

90000.000

100000.000



170000.000

170000.000

160000.000

160000.000

90000.000

100000.000

Legenda:

- Ocorrências Patrimoniais
- Limite Concessão
- Área em Avaliação
- Portaria
- Lavaria
- Estradas
- Escombreiras antigas
- Corredor de Infraestruturas
- Áreas de Intervenção Cortas
- Áreas de Intervenção Potencial Mineiro

Localização Ocorrências Patrimoniais

PROJETO DE REATIVAÇÃO DAS MINAS DE MONCORVO

RECAPE - FASE DEFINITIVA

Base Cartográfica
Sistema de Referência: ETRS 89/Portugal TM06
Projeção Cartográfica: Transverse Mercator

AETHEL MINING

